

LOURENÇO, Eduardo

*Pessoa Revisitado — Leitura Estruturante de um Drama em Gente.*  
Porto, Editorial Inova, 1974.

Décimo sétimo volume da Coleção *Civilização Portuguesa* (que vem conseguindo manter até o momento seu objetivo primordial, — “rasgar um panorama” abrangente da vida e da cultura portuguesa, naquilo que “mantenha o seu interesse dentro das mais largas perspectivas humanas”), este *Pessoa Revisitado* assume, de imediato, um lugar-chave em meio à imensa e variada bibliografia crítica acerca de genial poeta português. “Lugar-chave” dizemos, porque por um lado, ele passa pelo crivo de uma desapaixoadada e rigorosa análise as exegeses mais importantes, realizadas até o momento com a poesia de Fernando Pessoa (as de João Gaspar Simões, Jacinto do Prado Coelho e Mário Sacramento); e por outro lado, retoma, através de uma singular perspectiva, o debatido “drama em gente” (=o caso dos heterônimos, no sugestivo rótulo que lhe deu o próprio Poeta)

Seu autor, Eduardo Lourenço (desde alguns anos professor na Universidade de Nice), destaca-se nos quadros da atual intelectualidade portuguesa, como dos mais atentos observadores e analistas da cultura e da literatura do Portugal de hoje. Responsável por dezenas de estudos (dispersos por jornais e revistas ou recolhidos em livros), Eduardo Lourenço, — desde 1949 quando estréia em livro, com *Heterodoxia-I*, vem construindo uma obra que em todos os sentidos, está contribuindo para uma segura conscientização dos problemas mais significativos dentro da moderna cultura portuguesa, literária ou não.

Haja visto, por exemplo, os estudos filosóficos dos dois volumes de *Heterodoxia* (1949 e 1967) ou os ensaios críticos reunidos em *Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista* (1967), — sem favor algum, um dos mais objetivos, equilibrados e esclarecedores estudos críticos já publicados acerca do fenômeno “neo-realista” e seus avatares poéticos em Portugal.

Dividido em oito capítulos, este *Pessoa Revisitado* abre-se com certas “Considerações Pouco ou Nada Intempestivas”, que incidem, e de maneira direta, sobre o que tem sido até hoje o problema capital para os críticos de Fernando Pessoa: os seus heterônimos. Diz o ensaísta: “Infelizmente, e na aparência com justificados motivos ou natural tentação, o objeto primeiro da exegese de Pessoa não foi sua *poesia* múltipla, mas a *relação dessa múltipla*

*poesia com os seus míticos (e reais) autores*, o que mergulhou toda a crítica numa miragem criadora de miragens, ( ). O que foi tomado *realmente a sério* ( ) não foi a silenciosa autonomia dos poemas *no seu conjunto* como o jogo que entre si constituem, mas *Alberto Caeiro e Reis e Campos*, considerados como *autores reais* dos poemas que Pessoa a justo título lhes atribui.” (pág. 25 — grifos do autor).

Nesse parágrafo vemos enunciado o nervo central da fecunda “leitura estruturante” desenvolvida pelo ensaísta nos vários capítulos que se seguem: a busca de uma nova interpretação para o fenômeno poético único no mundo, — a heteronímia criada por Fernando Pessoa; o pirandelliano “drama em gente” Norteado por esse objetivo, Eduardo Lourenço constata, inicialmente, os acertos e desacertos das três diretrizes seguidas, via de regra, pelos críticos: a psicologista (determinada pela interpretação biográfica de Gaspar Simões); a literária (difundida por Jacinto do Prado Coelho) e a sociológica (estruturada por Mário Sacramento).

Valendo-se das conclusões a que chegaram os próprios críticos mencionados (as quais são pormenorizadamente transcritas na Nota A do apêndice final), o ensaísta reafirma a inegável “unidade na diversidade” (que o estudo de Prado Coelho provou de maneira inequívoca) e recoloca a questão: como explicar esse “drama em gente”? Pois a verdade é que o problema persiste: Fernando Pessoa é *um* poeta que, estranha e genialmente, se desdobra em *vários*.

No sentido de atingir “a luz nova” que a poesia de Pessoa representa para nossa consciência-de-mundo, Eduardo Lourenço recusa as três formas de interpretação que até agora serviram de fundamento às abordagens críticas, e que a despeito de suas diferenças intrínsecas “têm algo de comum: todas *interrogam* Pessoa, todas põem ao poeta e à sua criação *questões* que são mais delas do que dele ( ). É Pessoa quem deve prestar contas a propósito da sua *estranheza*, tida “a priori” como qualquer coisa de que o autor se deve justificar.” (p. 23 — grifos do autor).

Fugindo, pois a esse enfoque do poeta, Eduardo Lourenço desenvolve o que ele chama de “leitura estruturante”. — e que consiste em uma leitura globalizante da múltipla poesia de Fernando Pessoa, tentando discernir em seu bojo a dialética interior, que condicionaria as relações plurívocas e irreversíveis entre os heterônimos. Dentro dessa nova atitude crítica, o ensaísta recusa-se a ver os heterônimos como “*fragmentos* de uma totalidade que convenientemente interpretados e lidos permitiriam reconstituí-la ou pelo menos entrever o seu perfil global.” Sua visão é outra: “*os heterônimos são a totalidade fragmentada* e nenhuma exegese por mais hábil ou subtil a pode reconstituir a partir deles. ( ) É o mistério dessa *ruptura* que é necessário esclarecer e esclarecer *concretamente*.” (p. 30 — grifos do autor)

E é no sentido desse “esclarecimento” que Eduardo Lourenço se entrega a esta “leitura estruturante” que acaba se revelando como uma fascinante aventura do espírito, em busca do desvendamento ontológico da palavra poética de Fernando Pessoa.

“A Curiosa Singularidade de *Mestre Caeiro*”; “Ricardo Reis ou o Inacessível Paganismo”; “O Mistério-Caeiro na luz de Campos e vice-versa”; “Álvaro de Campos I ou As Audácias Fictícias de Eros”; “Dois Interlúdios sem muita Ficção”; “Álvaro de Campos II ou a Agonia Eróstrato-Pessoa” e “A Existência Mítica ou A Porta Aberta” são os capítulos através dos quais a argúcia e a sensibilidade crítica de Eduardo Lourenço se revelam num verdadeiro corpo-a-corpo com a linguagem poética do genial poeta. Não, evidentemente, preso às suas micro-estruturas do texto, mas aos grandes planos da consciência poética que ali se fez responsável pela escritura e problemática peculiares a cada heterônimo.

Livro-chave na bibliografia crítica de Fernando Pessoa, esta última publicação de Eduardo Lourenço vem abrir fecundos caminhos para novas leituras críticas da poesia daquele que, no dizer do ensaísta, “foi uma espécie de aparição fulgurante descida de brumas culturais alheias ao nosso desterro azul para nele inscrever em portuguesa língua o mais insubornável poema jamais erguido à condição exilada dos homens na sua própria pátria, o Universo inteiro.” (p. 220)

*Nelly Novaes Coelho*